

Combate ao racismo por meio da leitura de autoras negras

Combating racism through the reading of black authors

GEOVANNA FRANCESCA DA SILVA ARAÚJO

Graduada em Letras - UNIPAM

E-mail: geovannafrancesca@unipam.edu.br

MÔNICA SOARES DE ARAÚJO GUIMARÃES

Professora orientadora - UNIPAM

E-mail: monica@unipam.edu.br

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

Professor coorientador - UFV

E-mail: luisandre.nepomuceno@gmail.com

Resumo: No presente artigo, buscamos analisar metodologicamente obras literárias brasileiras que foram escritas por mulheres negras e que auxiliam na compreensão do racismo como fonte de problemas sociais. Para isso, foi preciso definir, pautando-se em pesquisas bibliográficas e webliográficas, de cunho exploratório, o que é o racismo e por que ele é estrutural e realizar a sua contextualização histórica desde os tempos da escravidão no Brasil. Tudo isso possibilitou reafirmar que a literatura é um excelente meio para identificação, reflexão e combate acerca dos problemas sociais presentes na sociedade. O trabalho demonstra que o racismo no Brasil é mais do que ódio às pessoas negras. É um ambiente criado para o genocídio da população negra.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Antirracismo. Identidade.

Abstract: In this article, we seek to methodologically analyze Brazilian literary works written by black women that help comprehend racism as a source of social problems. It was necessary to define what racism is and why it is structural and to put it into historical context since the time of slavery in Brazil, based on bibliographic and web-based research of an exploratory nature. All of this made it possible to reaffirm that literature is an excellent medium for identification, reflection, and combat about the social problems present in society. The work demonstrates that racism in Brazil is more than hatred for black people. It is an environment created for the genocide of the black population.

Keywords: Literature. Teaching. Anti-racism. Identity.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O racismo é uma herança negativa da sociedade; apesar de esforços diversos, está presente no meio social do Brasil e de outros países. Casos noticiados pelas mídias, como o de Miguel Otávio, que, segundo o jornal *G1* (2020), caiu do 9º andar de um prédio

devido ao descuido da patroa de sua mãe, e o de João Pedro, que, também segundo o jornal *G1* (2020), foi encontrado morto pelos familiares 17 horas após ter sido baleado em uma operação policial e ter sido levado pelos próprios policiais em um helicóptero para ser socorrido, mostram o descaso e a desvalorização estruturais que se instauraram na sociedade em relação à vida do negro. Entretanto, apesar de casos de racismo individual serem recorrentes, não se pode reduzir esse tipo de violência apenas a casos isolados.

De acordo com Edinaldo César Santos Junior, coordenador executivo do Encontro Nacional de Juízas e Juizes Negros (ENAJUN) e juiz do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJSE), (*apud* ANDRADE, 2020), redatora no site do Conselho Nacional de Justiça (2020, *online*), aproximadamente 63,7% da população carcerária brasileira é composta por negros, dado de 2017 do Departamento Penitenciário Nacional (Depen). Ainda, segundo pesquisa da ONU/Mapa da Violência (*apud* DEUTSCHE WELLE, 2017, *online*), sete em cada dez pessoas assassinadas no Brasil são negras. Esses e outros dados denotam o caráter sistêmico do racismo no Brasil.

Tendo em vista o que foi exposto, é necessário articular movimentos de combate que podem e devem ser preventivos. É papel da sociedade como um todo reparar as desigualdades sociais existentes para que possamos alcançar oportunidades semelhantes. Isso significa o contrário de dar oportunidades iguais a todos, o que apenas ressaltaria os privilégios que alguns grupos já têm. Significa dar oportunidades proporcionais, a fim de que todos partam de um mesmo lugar. Nesse sentido, os negros, que foram historicamente prejudicados e impedidos de alcançar certos espaços, devem ser restituídos das oportunidades perdidas até que alcancem os outros grupos. A partir daí, todos estarão partindo de um mesmo ponto, como se dessem início a uma corrida não mais atrás que outros nem mais à frente.

Apesar de haver poucas denúncias de injúria racial, os crimes de racismo são recorrentes na vida dos negros. As bases do racismo são mais profundas e mais complexas que apenas casos isolados, por isso se torna cada vez mais importante educar as pessoas para o antirracismo. Não basta apenas respeitar, é preciso lutar pelo direito do outro de existir em sociedade, livre das violências e dos homicídios gratuitos. Por esse motivo, é preciso pensar em maneiras de formar cidadãos conscientes do valor do negro, que não é nem mais, nem menos importante que um não negro.

Uma das vias de construir essa consciência é por meio da arte em geral e, especificamente, da literatura negra. Essa seria uma oportunidade de eliminar estereótipos, como o de que os negros são incapazes de produzir literatura. O trabalho com a literatura afro-brasileira auxilia no processo identitário dos alunos negros e na representatividade que muitos alunos negros procuram durante suas leituras, além de ser uma forma de empoderamento do grupo negro, um incentivo para continuar frequentando a escola e buscando um futuro melhor.

Os dias 31 de março, Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial, e 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, apesar de trazerem o foco para o problema que pessoas negras vêm enfrentando, não têm sido suficientes para debater a infinidade de assuntos que podem ajudar a solucionar o racismo e a discriminação racial. De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), no capítulo que trata das competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio, é necessário

“reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (BRASIL, 2018, p. 558).

O papel transformador da educação escolar torna-a uma possível saída para eliminar todo o tipo de desigualdade. A escola tem o poder de transformar pessoas, de mudar vidas e de criar oportunidades. Por meio da educação escolar, é possível que crianças e jovens que são alvos frequentes de um sistema estrutural e institucionalmente racista tenham acesso a desde itens básicos, como a refeição do dia na hora do lanche, até a oportunidade de conseguir um emprego que mudará a realidade não só desse aluno, mas também de toda a sua família. Nesse contexto, predizendo o que será abordado ao longo do trabalho, a literatura negra pode ser explorada, de forma a educar jovens negros e não negros acerca da importância de todas as cores, como forma de combate à constante desvalorização do corpo negro e de valorização da luta antirracista.

Assim, levando-se em conta o racismo ainda muito presente na sociedade, é papel da escola trabalhar didaticamente a literatura afro-brasileira, de forma a combater as desigualdades impostas por essa intolerância que se perpetua. Apesar da leitura do cânone ser essencial para a formação do leitor, a maioria dos autores que o compõem são brancos. Devido ao desconhecimento de autores negros e muitas vezes devido à necessidade de seguir os projetos literários tradicionais à risca, muitos professores não trabalham questões como essa em sala de aula. Então, é preciso encontrar na literatura clássica obras de autores negros que possam ser fonte para os alunos e que, ao mesmo tempo, atendam ao projeto pedagógico da escola.

É nesse contexto que se desenvolve este estudo, cujos objetivos são: investigar e apresentar formas de trabalho com a literatura afro-brasileira em sala de aula que favoreçam o combate ao racismo e incentivem o respeito às diferenças, o empoderamento, a criação de identidade dos alunos e a representatividade por meio das obras de autoras negras; conceituar racismo e racismo estrutural, termos que auxiliarão no dimensionamento do problema; explorar a Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08, que exige o trabalho focado nas culturas afro-brasileiras e na história do continente africano; estimular o consumo de literatura negra, bem como sua valorização por meio do acesso a autores representativos; promover o processo identitário dos alunos, tanto daqueles que são negros, como daqueles que convivem com pessoas negras; diminuir o preconceito dentro de sala de aula, por meio do entendimento do que é preconceito.

Para alcance desses objetivos, o estudo foi pautado em pesquisa bibliográfica e webliográfica, fundamental para alcançar a base teórica necessária para compreender termos relacionados ao tema, como racismo, racismo estrutural etc. e para viabilizar materiais que podem tornar a educação antirracista cada vez mais efetiva. Assim, por intermédio da pesquisa em livros e da pesquisa via internet, foi viabilizado o acesso à legislação atualizada e a artigos recentes, visando encontrar os fundamentos necessários para o estudo proposto. Ainda, partindo dessa fundamentação, foi desenvolvida uma seção em que se apresenta a análise de três obras de mulheres negras, a saber: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, entremeada de sugestões de abordagens que servem de auxílio para os professores trabalharem com a literatura afro-brasileira.

2 AS FACES DO RACISMO

A fim de compreender o racismo e as formas como ele é reproduzido na sociedade, é preciso ter conhecimento do contexto de seu surgimento no Brasil, possibilitando a diferenciação do que veio a ser o racismo no Brasil em relação ao que é o racismo em outras partes do mundo. O apagamento do histórico de racismo que se perpetuou por anos, o embaquecimento da população e o genocídio de corpos pretos foram a chave para que o racismo no Brasil se desenhasse de maneira diferente do que ocorre mundialmente.

2.1 ENTENDENDO O PASSADO

De acordo com o professor de História da África e do negro no Brasil, Dirceu de Lima Jr. *et al.* (*apud* CASTANHARI, 2021, *online*), desde a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, que, ao contrário do que muitos pensam, não se deu por total desejo da princesa Isabel, foram criadas poucas políticas públicas de inserção de ex-escravizados na sociedade. Sem um lar, sem emprego, já que os senhores de engenho não aceitavam pagar ex-escravizados, sem perspectivas e sem a aceitação da população que morava nas áreas centrais das cidades, muitos negros foram forçados a viver em áreas periféricas da cidade. A partir daí, muitos entraram para o crime.

Ainda de acordo com Dirceu de Lima Jr. (*apud* CASTANHARI, 2021, *online*), imigrantes da Europa foram trazidos ao Brasil com a intenção de aumentar a população branca e diminuir a população negra. Nessa época, ganhou força a ideia de eugenia, ou seja, superioridade racial dos europeus. Terras foram negociadas com esses imigrantes como forma de incentivo à fixação de residência no Brasil. Essa negociação foi quitada sem necessidade de pagamento por parte dos imigrantes, resultando em um acúmulo de terras e, conseqüentemente, de privilégios.

Muitos negros não podiam entrar na escola por não terem documentação, apenas os filhos da miscigenação que possuíam documentos tinham acesso a mais possibilidades. Ademais, documentos em geral relacionados ao comércio de escravizados foram desaparecendo com o tempo. Segundo Gilberto Freyre (2003), autor do livro *Casa grande & senzala*, valiosas pesquisas em torno da imigração de escravizados para o Brasil foram queimadas, por motivos econômicos, pelo conselheiro Rui Barbosa, ministro do Governo Provisório.

2.2 AFINAL, O QUE É RACISMO?

Ao longo dos anos, mais e mais oportunidades foram sendo tiradas dos negros e, mesmo que outros grupos sociais estejam lutando com os negros para combater a desigualdade racial, a desinformação de certos grupos, o preconceito herdado dos antepassados e até o medo de abrir mão dos privilégios são fatores que contribuem para que a situação continue como está. Esse preconceito provoca danos às pessoas de outra cor, e esses danos podem variar de acordo com o poder e a influência que o racista tem sobre sua vítima.

Pessoas negras, especificamente, são mortas por motivos como estar segurando um objeto que pareça uma arma, brincar na porta de casa ou até mesmo estar dentro de casa jogando videogame. Isso ocorre porque, desde antes da escravidão, negros eram vistos como uma etnia inferior, sem alma e sem capacidade de pensar racionalmente. Essa visão acerca dos negros melhorou, mas os preconceitos foram sendo perpetuados de pai para filho, contribuindo para que até hoje exista uma diferença no tratamento da pessoa negra. O racismo, segundo Almeida (2019, p. 22), é um sistema de discriminação baseado na cor da pele de um determinado grupo, que se dá por meio de atitudes conscientes e inconscientes que privilegiam ou desprivilegiam certos indivíduos, dependendo do grupo racial a que pertençam.

Para Ruiz (1988 *apud* MUNANGA, 2005, p. 41), existe uma ligação direta entre a escravidão a que os negros foram submetidos e a aversão às pessoas de cor negra. Ainda acrescenta que foi criado um estigma em relação a cor negra que tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que outrora levaram os povos negros à escravidão.

Para Bento (1988 *apud* MUNANGA, 2005, p. 60), racismo é a ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura de uma pessoa e suas características físicas. Ligada a isso, está a visão segregadora de que algumas etnias são superiores às outras.

Já para Santos (1988 *apud* MUNANGA, 2005, p. 61), racismo é a suposição de que existem raças e, em seguida, a atribuição de características biogenéticas a fenômenos unicamente sociais e culturais. Ele diz que racismo é também uma forma de dominação ou uma maneira de justificar a dominação. Uma mistura de ignorância e interesses econômicos.

A autora de *Pequeno Manual Antirracista*, Djamila Ribeiro (2019, p. 5-6), diz que falar sobre racismo no Brasil exige um debate estrutural – realizar uma contextualização histórica, começando pela relação entre escravidão e racismo e mapear as suas possíveis consequências. É importante entender como esse sistema tem beneficiado economicamente durante um longo período apenas pessoas brancas, ao passo que pessoas não brancas, principalmente os negros, não tiveram acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas.

2.3 POR QUE O RACISMO É ESTRUTURAL?

Para Almeida (2019), o racismo tem três desdobramentos possíveis: o estrutural, o institucional e o individualista. Ele ressalta que, na verdade, o racismo é basicamente estrutural, ou seja, tem suas bases construídas em diferentes níveis de funcionamento da sociedade.

Segundo Almeida (2019), dizer que o racismo é estrutural não exclui os sujeitos racializados, ou seja, não generaliza suas vítimas, mas os concebe como parte de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento. A intenção é afastar visões reducionistas a respeito do que é ou não racismo que, além de não contribuírem para o entendimento do problema, dificultam a luta antirracista.

Dizer que o racismo é estrutural é perceber um padrão nas mortes em razão da cor, causadas por outras etnias e, por vezes, pela própria etnia. Esse padrão, mesmo que inconsciente, dá-se justamente pela normalização de fatos. Racismo estrutural está em não enxergar problema quando um menino é baleado dentro de casa e encontrado morto após ser colocado no helicóptero por policiais, não se surpreender com uma mulher grávida sendo baleada e morta e depois tendo seu cupom de desconto na loja que trabalhava revertido em lucro para a empresa. Não se indignar com um cliente sendo espancado até a morte nos fundos de um supermercado após ter se exaltado com um funcionário do estabelecimento.

Segundo Ferreira (2019, *online*) o racismo estrutural é essa naturalização de ações e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro e que promovem a segregação ou o preconceito racial. Um processo que se repete para a população negra todos os dias.

Em suma, o racismo é resultado de trezentos anos de escravidão, uma abolição que se deu sob pressão, a ausência de políticas de integração dos ex-escravizados na sociedade e a tentativa de embranquecimento da população com direito a distribuição de terras para europeus que desejassem fixar-se no Brasil. Isso tudo foi passado de pai para filho, para neto, durante gerações de famílias. E assim, como uma herança negativa, o racismo se tornou parte do cotidiano, muitas vezes velado, outras vezes escancarado. Consciente ou inconscientemente, o racismo é cometido todos os dias, prejudicando e tirando oportunidades e, por vezes, a vida de pessoas negras.

2.4 COMO A ESCOLA PODE AJUDAR?

Apesar de existirem dias como o 11 de março, Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial, e o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e leis como a Lei 7.716, de 1989, que torna o racismo um crime inafiançável, histórica e estruturalmente a justiça raramente está do lado dos negros, pois também é parte da sociedade, que é sistemicamente racista. Nesse sentido, como combater o racismo quando nem mesmo a justiça é favorável o suficiente?

A união de grupos sociais, a disseminação de informação e o trabalho dos educadores podem ser uma resposta. As escolas, com seu poder de transformar vidas e criar oportunidades, têm um papel transgressor também na causa racial. A Lei 10.639 (2003), modificada pela Lei 11.645 (2008), instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África, da cultura afro-brasileira e indígena, mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido que exige esforços de todos os grupos sociais. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) dizem que

[...] o sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para

aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola (BRASIL, 2004, p. 13).

Apesar de a escola não ser a única responsável pelo combate ao racismo, para muitos alunos não negros, em alguns casos criados em um ambiente racista, é na escola que encontrarão informação e educação antirracista e poderão tornar-se pessoas cada vez mais conscientes. Já para os negros, a inserção de autores negros no currículo escolar será também fonte de representatividade, empoderamento e identidade.

Nesse ponto é que se pode valer da literatura afro-brasileira como forma de discussão de conteúdos inerentes ao racismo e como forma de combatê-lo. Autores como Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra brasileira, são pouco trabalhados na sala de aula. Algumas vezes são citadas em sala pelos professores, cogitadas para vestibulares, mas não lidas pelo incentivo à formação do aluno. Quando se fala em autores negros, nomes mais conhecidos são trazidos à tona e muitas vezes não ficam na lembrança do aluno como os demais autores. O fato é que autoras como Maria Firmina podem e devem ser trabalhados em sala de aula. Segundo Soares (2020, p. 11), o romance *Úrsula* é considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. Ademais, ao contrário do que era comum à literatura do século XIX, pessoas negras e escravizadas são retratadas de modo positivo.

Além de Maria Firmina dos Reis, diversas autoras e diversos autores negros têm estado presentes nas escritas, apesar de não terem reconhecimento similar ao de muitos autores e autoras não negros. Por meio da pesquisa científica, é possível fazê-los protagonistas. Acreditando nisso é que se propõe, na seção seguinte, a análise de temas abordados nas obras escolhidas e sugestões de abordagens a serem feitas pelo professor no trabalho com a literatura afro-brasileira, buscando combater o racismo e a discriminação racial.

3 COMBATE AO RACISMO E À DISCRIMINAÇÃO RACIAL VIA LITERATURA

Conforme abordado neste trabalho, é importante que a escola faça sua parte na luta contra o racismo, sendo a literatura um dos caminhos possíveis de se efetivar tal luta. Nesse sentido é que se propõe aqui a análise de três obras de autoras negras brasileiras que abordam formas variadas de apresentação do racismo na sociedade.

A autora Conceição Evaristo apresenta, na obra *Becos da Memória*, publicada em 2006 e a mais atual dentre as três, inúmeras questões que são pertinentes à temática. Optou-se por refletir a objetificação e sexualização da mulher negra aliadas à ideia de que a mulher branca, pura, frágil e virginal é feita para o amor e para o casamento.

A autora Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, um livro da década de 60, traz à tona a temática da pobreza, da fome e da estagnação social a que o negro foi submetido devido ao racismo e à ausência de incentivo governamental desde os tempos da abolição. A obra de Carolina Maria de Jesus também contém a solidão da mulher negra, tema que tem sido discutido somente nos últimos anos e que, por muitas vezes, é invalidado, mas que também provém do racismo.

A autora Maria Firmina dos Reis, na obra de 1859 intitulada *Úrsula*, traz a visão do negro a respeito da escravidão, o que possibilita desprender-se de uma visão estereotipada dos negros e perceber a criminalização e bestialização do negro.

3.1 O RACISMO E A SEXUALIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS

Sabe-se que, desde os tempos da escravidão, o corpo negro tem sido objetificado e sexualizado. Isso ocorre concomitantemente a outras formas de racismo e por esse motivo é um fato, por vezes, invalidado por pessoas que acreditam que o racismo esteja ligado apenas à repulsa ou ao rechaçamento explícito da pessoa negra.

Na obra de Evaristo (2017), percebe-se a representação da sexualização do corpo da mulher negra na personagem de Cidinha-Cidoca, cujo corpo é objeto de desejo dos homens do morro. É possível perceber no trecho:

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas a temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e que, entre o vício da mão, do autocarinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo de ouro” da Cidinha-Cidoca (EVARISTO, 2006/2017, p. 17).

Apesar de corresponder aos homens que a procuravam, Cidinha-Cidoca tinha uma estranha consciência do vazio das relações que têm como base a aparência. Mais ainda, ela parecia perceber que, mesmo sendo uma mulher livre, ainda carregava as correntes da escravidão. Ela servia aos homens por razões muito mais complexas do que a necessidade de satisfação sexual. A entrega dava-se pela forma como estava acostumada a ser tratada por homens desde cedo, já que as mulheres negras são associadas à promiscuidade e perdição desde cedo, enquanto as mulheres brancas são associadas à virgindade, ao respeito e à santidade, ambos casos de objetificação. Cidinha poderia, como muitas mulheres negras, desejar qualquer forma de contato físico, mesmo que sem nenhuma afetividade, ao rechaço e aos maus-tratos sofridos todos os dias por conta da cor da pele.

A questão da loucura e do suicídio de Cidinha-Cidoca revela questões externas e internas que tornaram a realidade insuportável para a personagem. Cidinha vivia em sua cabeça, imaginando uma nova realidade onde seria livre dos homens e da

subserviência a que se submetia. Em certos pontos da obra de Evaristo (2017), é possível notar como Cidinha era percebida por outros ao seu redor: primeiro como objeto de satisfação alheia, depois, uma sombra do que já fora um dia.

Como explicar a morte de Cidinha-Cidoca? Como explicar a morte? A mulher estava morta. Cidinha-Cidoca, durante os anos de lucidez, representara a vida na favela. Ela, o corpo dela, o sexo gostoso, o prazer. Veio a loucura; primeiro, o espanto de todos; depois, o acostumar-se. Cidinha-Cidoca foi virando história do passado, embora estivesse ali tão presente no botequim de Sô Ladislau, no botequim de Cema, pelos becos da favela, com o seu silêncio, com o seu mutismo e seu olhar de doida mansa desconcertando a todos. Continuava bonita, a cabeleira encarapinhada, suja e sem trato. O corpo esguio, o camisolão sujo, imundo, antes branco. Todos olhavam Cidinha-Cidoca. As mulheres e as crianças pareciam não ter medo. Os homens, aqueles que tinham conhecido o corpo quente de Cidinha, pareciam assustados com a eterna inércia que havia tomado conta dela. Haviam se acostumado com a loucura dela, a morte era diferente (EVARISTO, 2006/2017, p. 112).

A hipersexualização das mulheres negras pode ser prejudicial em diferentes níveis. A mulher negra passa a se diminuir em relacionamentos para caber nas expectativas de homens em relação ao seu corpo “da cor do pecado”. Ao buscar aprofundar certas relações, depara-se com frases como “mulata de carnaval”, “gosto de mulheres negras porque são mais quentes, boas de cama, fofas” ou “eu nunca teria um filho da sua cor”. Frases que parecem absurdas nos dias de hoje, perante tantos exemplos bem-sucedidos de relações inter-raciais, mas que são comuns no imaginário da população e acabam sendo normalizadas ou relevadas dentro de uma relação inter-racial. A importância da afetividade das relações está em reconhecer os outros como pessoas que sentem e pensam e não existem apenas para suprir as vontades do outro. O tratamento da mulher como objeto de prazer sexual, “apenas para diversão e não feita para casar”, pode trazer sequelas permanentes e, em certos casos, até mesmo a morte.

3.2 O RACISMO E A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Carolina Maria de Jesus representa milhares de mulheres negras ao tratar de temas que fazem parte da esfera do racismo. Como dito anteriormente, o racismo possui muitas nuances, está intrincado na sociedade e é razão da origem de muitos fenômenos sociais que inicialmente não parecem estar ligados ao racismo.

Existe uma espécie de sentimento coletivo de mulheres negras de que elas estão fadadas a ficar sozinhas. Esse sentimento tem origens distintas: seja a sexualização da mulher negra de pele clara que, como já mencionado, exclui qualquer tipo de afetividade no relacionamento, seja a rejeição da mulher negra de pele retinta que é descartada como

uma opção de desejo sexual, seja a constatação da mulher negra de que é constantemente trocada por outras mulheres brancas ou negras de pele mais clara que a sua, dentre outros tipos de violência à autoestima e à saúde mental da mulher negra. Seja qual for o motivo da autoexclusão ou exclusão forçada da mulher de meios sociais e institucionais, o sentimento de solidão e não pertencimento na mulher negra é mais presente do que o dos homens negros. Isso ocorre porque a mulher negra é duplamente oprimida: pela sua cor e por seu gênero. Isso separa, em muitos níveis, a mulher negra do homem negro. Em um trecho do livro *Quarto de Despejo*, é possível perceber o fenômeno da solidão da mulher negra:

Agora eu vou na casa da Dona Julita trabalhar para ela. Fui catando papel. O senhor Samuel pesou. Recebi 12 cruzeiros. Subi a Avenida Tiradentes catando papel. Cheguei na rua Frei Antonio Santana de Galvão 17, trabalhar para a Dona Julita. Ela disse-me para que não iludir com os homens que eu posso arranjar outro filho e que os homens não contribuí para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiências amargas. Já estou na maturidade, quadra que o senso já criou raízes (JESUS, 1960, p. 30).

O trecho trata de uma problemática que parece comum a todas as mulheres, mas que, na verdade, é mais cruel para mulheres negras: o tratamento da mulher negra como objeto sexual, levando o homem a abandoná-la no momento de assumir a paternidade em uma gravidez indesejada, aliado à pobreza extrema e à ausência de apoio jurídico para recorrer aos direitos. Tudo isso leva a mãe negra a assumir todas as responsabilidades da maternidade, ainda que não tenha feito o filho sozinha e, com o passar do tempo, a acomodar-se com a situação em que vive. Para fugir de eventuais decepções, essa mãe solo, provedora da casa, escolhe a solidão. Apesar de muitos homens negros e brancos discordarem e usarem casos particulares para mostrar que também sofrem rejeições e solidão, a maioria esmagadora de mulheres negras solteiras por uma grande parte da vida que existiram, existem e continuarão existindo prova o contrário do que está no imaginário masculino. A solidão da mulher negra pode partir da própria ou de ações externas a ela. Ainda assim é solidão, pois parte de uma dor e uma tristeza que vêm do racismo, algo que não se pode controlar.

Outro trecho da obra de Jesus (1960, p. 77) mostra o desespero frente à possibilidade de vivenciar a rejeição e a violência sutil que estão presentes desde a infância das mulheres negras: “Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos”.

O texto de Jesus (1960), logo no início, mostra que uma figura de representação paterna faz falta na vida da mulher negra e na criação de seus filhos, porém a autora, em virtude de suas experiências nos relacionamentos afetivos, demonstra, no decorrer da narrativa, uma consciência de que homens dentro de casa podem não ajudar com as tarefas ou com a criação dos filhos: “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos.

Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 1960, p. 8).

Apesar de não ser o sonho de toda mulher casar e ter filhos, é importante estar livre para escolher o próprio caminho e saber que, dentre as opções para um possível relacionamento afetivo, estão pessoas livres de preconceitos.

3.3 O RACISMO E A ESTAGNAÇÃO SOCIAL

No Brasil, apesar de pessoas negras e brancas passarem fome e viverem em situação de pobreza, os negros são 75% entre os que estão em situação de miséria, conforme dados de Madeiro (2019, *online*). Por isso é importante pensar como o fato está ligado aos tempos da escravidão. Desde lá, o corpo negro é tratado como mercadoria, sendo mais uma vez objetificado e bestializado. Em meio às diversas opções de trechos da obra de Jesus (1960), o trecho a seguir demonstra o recorte da desigualdade em sua forma mais cruel:

A lentilha está a 100 cruzeiros o quilo. Um fato que alegrou-me imensamente. Eu dancei, cantei e pulei. E agradei o rei dos juizes que é Deus. Foi em janeiro que as águas invadiu os armazens e estragou os alimentos. Bem feito. Em vez de vender barato, guarda esperando alta dos preços: Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem (JESUS, 1960, p. 50).

Desde o período da escravidão, pessoas brancas têm se beneficiado de privilégios como terras para que os europeus pudessem se estabelecer. A partir de então, pessoas negras tiveram menos privilégios e chegaram à situação de miséria. Para as classes mais altas, conforme mostrado por Jesus (1960), é preferível desperdiçar as comidas do que doá-las. Assim, é possível perceber a desvalorização das pessoas negras em todos os âmbitos sociais. A fome e a miséria, resultantes dessa desigualdade, levam a população menos favorecida a furtos, roubos e assassinatos.

3.4 O RACISMO E A CRIMINALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO

Em trechos da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é possível perceber como se dava a criminalização do corpo negro. O negro era visto como menos que um animal para as pessoas da época. No trecho a seguir, é possível perceber a dor e o sofrimento destinados às pessoas do navio de Mãe Susana, a voz ancestral do livro que alerta Túlio dos perigos de confiar em pessoas brancas, uma vez que estes fizeram pouco para despertar a confiança das pessoas negras:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa

sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte (REIS, 2019, p. 80).

Na atualidade, é possível realizar um paralelo entre a situação dos navios negreiros e o sistema carcerário brasileiro atual. As condições de vida precárias e a lotação desumana demonstram, em duas épocas diferentes, um jogo de interesse político que prejudica alguns grupos sociais em detrimento de outros. Revoltar-se é um sinal de resistência ao que foi imposto.

Então Túlio olhou em derredor de si a assegurar-se da situação e dos meios de fuga, e viu nesse quarto horrível troncos, correntes, cepos, anjinhos, que se cruzavam. Aí, quantos desgraçados não tinham no meio das torturas amaldiçoado, como Jó, o dia do seu nascimento?!... Quantas lágrimas não teriam regado aqueles instrumentos de suplício?!... (REIS, 2019, p. 131).

Túlio, diferentemente de Mãe Suzana, não se exalta ao demonstrar sua indignação. Isso demonstra que, ao contrário do que foi estigmatizado, há discordância entre pessoas de mesma cor, pois o conjunto formador do eu de cada um é único e parte das vivências e da personalidade de cada um. Por esse motivo, generalizar as ações de criminosos negros é uma atitude que se tornou rotina dentro de uma estrutura social racista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo após o fim da escravidão, não foram instituídas políticas de reinserção do negro na sociedade. Esse fato gerou consequências sociais e econômicas à vida de pessoas negras. Tais consequências têm impactado essa parcela da população até os dias de hoje. É possível perceber que os negros são minorias em espaços de grande poder aquisitivo e majorias em índices de pobreza e mortalidade.

Para reverter os casos de racismo e injúria racial na sociedade, é preciso compreender que o racismo é qualquer forma de discriminação ou segregação baseado na cor da pele de um grupo social. Apesar de o racismo não estar restrito a uma cor de pele, no Brasil, dado o histórico de escravidão já mencionado, percebe-se que a população negra sofre diversas situações de discriminação e exclusão. Isso faz do

racismo um acontecimento estrutural na sociedade. Sendo estrutural, o racismo é naturalizado, relativizado e desacreditado e está ligado às bases da construção da sociedade.

Para combater o racismo e evitar que essa estrutura se perpetue, é preciso buscar formas de ensinar o antirracismo para a população. Nesse sentido, a literatura é um excelente caminho para que os jovens possam perceber o racismo, analisar criticamente o seu papel dentro de uma sociedade onde o racismo é estrutural e buscar caminhos para mudar a situação dos negros na sociedade.

Nesse sentido, obras como *Úrsula*, clássico literário brasileiro escrito por uma mulher negra e pouco comentado na academia, *Quarto de Despejo*, retrato da rejeição e do descaso com a população que reside nas favelas, com recorte para as que são pobres por consequência da falta de oportunidades a que os negros estão expostos, e *Becos da Memória*, coletânea de memórias e histórias inventadas que refletem a realidade de diversas gerações de pessoas negras, são ótimas fontes de pesquisa com intenção de transformação social.

Por meio deste estudo, foi possível perceber que o racismo possui muitas “faces”, ou seja, ocorre de diferentes maneiras, como por meio de hostilidade. Neste estudo, para começar a combater o racismo, foi preciso entender o passado, as raízes históricas da opressão. Após contextualizar o racismo, foi necessário defini-lo enquanto significação. Esse conhecimento auxiliou na identificação das situações de racismo. Em seguida, passou a ser analisado o racismo em concomitância à solidão da mulher negra presentes em *Becos da Memória*, fato que exclui e oprime mulheres negras duplamente: por serem mulheres e por serem negras. Depois, passou a ser analisada a estagnação social, presente em *Quarto de Despejo*, proveniente da ausência de políticas de reinserção do ex-escravo na sociedade e na economia. Por fim, passou a ser analisada a criminalização e bestialização do corpo negro, presentes em *Úrsula* por meio das histórias de Mãe Suzana.

O trabalho teve a intenção de fazer entender o que é o racismo, porque ele é estrutural e qual o seu contexto histórico. Por meio da análise das obras, foi possível confirmar a presença do racismo na sociedade, bem como seus diversos níveis. As obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis possibilitaram a análise de trechos que confirmam a existência do racismo, o que pode e deve despertar nos alunos sentimentos como identificação, empatia e desejo de mudança. Ou seja, a pesquisa possibilitou ampliar a visão do problema de forma a buscar a conscientização.

As obras exploradas neste estudo foram selecionadas sob a perspectiva da educação antirracista por meio de literatura. Nesse sentido, é possível trabalhar o antirracismo na obra *Becos da Memória* por meio de histórias separadas, como a história da personagem Cidinha-Cidoca. Na obra *Quarto de Despejo*, é possível trabalhar capítulos do diário de Carolina. Na obra *Úrsula*, é possível lançar mão das memórias da personagem de Mãe Suzana.

Segundo Candido (2011), a literatura tem sido um poderoso instrumento de educação. Tudo aquilo que a sociedade valoriza ou abomina está presente nas manifestações literárias. Por meio da literatura, é possível confirmar, negar, propor, denunciar, apoiar ou combater, possibilitando dialogar acerca dos problemas. Sendo assim, tornam-se importantes a literatura sancionada e a literatura proscrita.

Seria interessante a seleção de outros trechos das obras, algo que pode e deve ser desenvolvido futuramente, inclusive em sala de aula. Durante a busca por formas de trabalhar literatura negra em sala de aula, foram encontrados aspectos mais superficiais de como se dá o racismo, problema que limita o estudo.

Apesar disso, foi possível comprovar a importância da leitura e da literatura no entendimento das questões que circulam em nosso meio social. O trabalho trouxe à tona a necessidade de mais estudos metodológicos na área, principalmente aqueles voltados à literatura. Faz-se necessário ampliar os estudos e tornar a pesquisa uma possível fonte para jovens professores que desejam educar os alunos para o antirracismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

ANDRADE, Paula. **O encarceramento tem cor, diz especialista**. 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/o-encarceramento-tem-cor-diz-especialista/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei nº. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 01 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 01 jan. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** (Lei nº 10.639/2003, Art. 26; Lei nº 11.645/2008; Deliberação N 04/06- CEE). 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 21 jun. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CASTANHARI, Felipe. **A abolição da escravatura (lei áurea)** – Nostalgia História - ft RAEL. Direção de Felipe Castanhari, 2021. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kaD2kBpWuV0>. Acesso em: 13 jun. 2021.

COELHO, Henrique. **Polícia ouve ocupantes de helicóptero que levou João Pedro após ser baleado em São Gonçalo**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de->

janeiro/noticia/2020/05/20/policia-ouve-ocupantes-de-helicoptero-que-levou-joao-pedro-apos-ser-baleado-em-sao-goncalo.ghtml. Acesso em: 03 nov. 2021.

DEUTSCHE WELLE. **Sete em cada dez pessoas assassinadas no Brasil são negras.** 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sete-em-cada-dez-pessoas-assassinadas-no-brasil-s%C3%A3o-negras/a-41298147>. Acesso em: 12 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos de memória.** Florianópolis: Mulheres, 2013.

FERREIRA, Maria Teresa. **O que é racismo estrutural.** 2019. Disponível em: https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/488-o-que-racismo-estrutural?utm_source=google&utm_medium=ads&utm_campaign=search&gclid=CjwKCAjw2P-KBhByEiwADBYWCmF1tb5MZ6cBVntdyQgUMWtJt8kDOem0FcJSfjRcM8AGWuEKBlmUBoCaIYQAvD_BwE. Acesso em: 03 nov. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. 750 p. Disponível em: [file:///C:/Users/franc.LAPTOP-LDCQIJ4S/Dropbox/My%20PC%20\(LAPTOP-LDCQIJ4S\)/Downloads/1_5177174834391548065.pdf](file:///C:/Users/franc.LAPTOP-LDCQIJ4S/Dropbox/My%20PC%20(LAPTOP-LDCQIJ4S)/Downloads/1_5177174834391548065.pdf). Acesso em: 13 jun. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MADEIRO, Carlos. **Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos.** 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 03 nov. 2021.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PE, G1 (ed.). **Caso Miguel: novas imagens mostram menino que caiu do 9º andar sendo socorrido em prédio e levado a hospital.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/15/caso-miguel-novas-imagens-mostram-menino-que-caiu-do-9o-andar-sendo-socorrido-em-predio-e-levado-a-hospital.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2021.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras.** 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019 (Série Prazer de Ler, n. 11, *e-book*).

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Anderson Novais. **Literatura afro-brasileira na sala de aula**: concepção, planos de aula e outras ideias. 2020. 58 f. Tese (Doutorado) – Curso de Língua Portuguesa: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba, Rio Pomba, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/584677/2/Literatura%20afro-brasileira%20na%20sala%20de%20aula.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.